

na entrada, tem a porta para nascente, como alás é commum nestes monumentos prehistoricos. A galeria ainda não foi completamente desobstruida por falhar o tempo na occasião, mas brevemente se realizará este serviço, sendo provavel, que appareçam mais algumas pedras da coberta sem terem sido violadas.

Não ha receio, creio eu, de que este *dolmen* seja destruido, porque, alem das recommendações do meu amigo abbade de Codeços, produzirão por certo efficaz resultado as disposições conhecidas do Sr. administrador de Paços, que, auctorizado pelo proprietario, está determinado a proceder judicialmente contra os invasores da propriedade alheia.

Vem a proposito terminar por uma boa noticia: as explorações archeologicas no concelho de Paços de Ferreira vão proseguir, graças á iniciativa do digno delegado do procurador regio o Sr. Dr. Francisco Dias do Soccorro e do meu amigo e patricio o Sr. Abilio de Magalhães Brandão, actual recebedor de Paços. Alem do relatado numa correspondencia, que ha dias inseria *O Commercio do Porto*, tenho conhecimento d'estes projectos por informações particulares.

Oxalá que estes cavalheiros não afrouxem nos seus uteis empreendimentos. Paços de Ferreira tem muito que explorar no campo archeologico.

Tagilde, Março de 1896. OLIVEIRA GUIMARÃES.

Novo achado de braceletes pre-romanos

N-*O Commercio do Porto*, n.º 37, de 12 de Fevereiro de 1896, publicou-se a seguinte noticia que foi reproduzida noutros jornaes.

«Oliveira de Azemeis, 10 de Fevereiro. — Um pobre sapateiro das Baralhas, de Macieira de Cambra, mandou construir uma parede para suporte de terra, no quintal da sua modesta habitação. Porque a obra não estivesse com a devida segurança, ou por falta de bons alicerces, desmoronou-se, e o sapateiro, para que não succedesse o mesmo ao reformar essa parede, excavou elle proprio o terreno para arranjar alicerce mais firme. Quando procedia a esse serviço, viu que a enxada levantava umas argolas metallicas. Examinou-as e pareceram-lhe de metal amarello. Mostrando o seu achado a diversas pessoas, deram-lhe de parecer que fosse ao Porto a fim de verificar se ellas

eram ou não de ouro. O homem, effectivamente, foi a essa cidade, e levou tres das dezaseis manilhas que encontrou, e ainda uma peça em fórma pyramidal. Um ourives disse-lhe logo que ellas eram de ouro e deu-lhe trezentos e tantos mil réis pelas tres. O homem, cheio de contentamento, voltou para casa, e já conta apurar mais de dois contos de réis nas restantes manilhas. Estas peças tem a fórma de meia lua e são de diversos tamanhos, algumas de bastante peso.—
(Do nosso corresp. L. C.)»

Quando li esta noticia, escrevi a meu primo Joaquim Augusto da Costa Basto, de Oliveira de Azemeis, a pedir informações á cêrca do achado, e elle deu-me as seguintes, que obtive de um amigo.

«Os braceletes são de diferentes dimensões, todos lisos, sem o menor ornato. Tive um em meu poder, que me foi confiado pelo Dr. José Luciano, de Teomonde. Mandei-o pesar: pesa 197 grammas. Este bracelete é um dos maiores. Dizem que o ouro é de subido toque. Dá um som grosseiro, isto é, pouco sonoro, e a côr é mais clara que a do nosso ouro.»

Com estas informações vinha o esboço de um dos objectos, e por elle vejo que se trata de braceletes iguaes, ou muito semelhantes, ao que E. da Veiga descreveu nas *Antig. do Algarve*, IV, 191, e desenhou na est. XXII. É dos typos mais vulgares. Junte-se a menção do bracelete das Baralhas á lista que publiquei n-*O Archeologo*, I, 22-22.

Tendo eu tornado a escrever a meu primo Costa Basto, perguntando-lhe se perto do local do achado haveria algum castro, ou outros restos de antiguidades, bem como lendas de Mouros, recebi as notas que publico adeante, e que um amigo d'elle lhe enviou:

«Appareceram os braceletes (dezaseis) no lugar das Baralhas, freguesia de Castellões, do extincto concelho de Macieira de Cambra.

Ha muito perto, a distancia de uns trezentos metros, restos de paredes, bem como se encontram cacos de tegulas, em quasi todo o monte do Castro, que fica situado entre o referido lugar das Baralhas, pelo N., o lugar do Carvalhal, da freguesia de Ossella, pelo S., o rio Caima pelo Nascente, e o lugar dos Salgueiros, pelo Poente.

Os cacos e os vestigios de paredes abundam sobre o lugar do Carvalhal, até ao cume do monte.

Correm tradições dos Mouros. E ainda existe no referido monte, a Nascente, uma capellinha, com a invocação da Senhora do Castro, que a lenda diz ter sido edificada nos primeiros tempos da nossa monarchia, e onde é costume irem algumas freguesias de Cambra (Codal, Villa-Chã, Castellões e Macieira) em procissão, com o parochio, levando as respectivas cruces alçadas e enfeitadas com espigas de

trigo, de centeio, de parras e cachos de uvas e cerejas, entoando o parochó todo o caminho a ladainha. Isto tem logar no dia 1 de Maio.

Ha muito proximo d'esta capellinha restos de uma parede que, diz a tradição, serviu para empresar as aguas do Caima, para as levar por um grande rio (de que são bem visiveis os vestigios) para uma povoação que deveria estar situada onde hoje é o logar do Carvalhal, na aba Sul do monte Castro. Defronte da capella, ao Nascente e do outro lado do rio, ha um penedo a que chamam a *Pedra da Moura*.

Quando consertaram a sacristia da capella, haverá seis annos, appareceram algumas sepulturas, segundo me tem referido, tres ou quatro, com ossadas; as mesmas sepulturas eram feitas de tijolos e cobertas com pedras de diversos feitios.

Ha por estes sitios muitos castros.

Os braceletes foram vendidos alguns no Porto, outros em Ovar a um ourives e creio que em Cambra ainda ha quatro ou cinco, podendo talvez obter-se dois.»

Do que fica transcripto conclue-se que os braceletes pertenciam muito provavelmente a individuo ou individuos originarios de um crasto pre-romano, e que á civilização d'esse castro succedeu, de certa epocha em diante, a civilização romana: o que está de accôrdo com outros factos já publicados n-*O Archeologo Português*,—vid. vol. I, pag. 4-7 (castros em geral); pag. 81 e 91 (bracelete dos Castellejos); e vol. II, pag. 22 (xorca pre-romana de Cintra).

Agora póde perguntar-se porque razão estavam juntos tantos braceletes. Várias hypotheses occorrem, como a de thesouro, ou mercaderia; mas não revelará esse bello montão de ouro a fuga precipitada de seu dono, ou seus donos, diante das armas violentas dos Romanos, na occasião em que estes se dispunham, para derribarem as muralhas do castro, e reduzirem os Barbaros á civilização do Capitolio?

*

Quanto ao objecto, de fórma pyramidal, a que se refere o auctor da correspondencia d-*O Commercio do Porto*, nada posso dizer aqui.

*

Agradeço a meu prezado primo Joaquim Augusto da Costa Basto todas as informações que me mandou, e com as quaes pude ampliar a noticia que os jornaes publicaram.

J. L. DE V.